



EM CONEXÃO COM A TERRA: PRÁTICAS RITUAIS E CONCEPÇÕES SOBRE O “FEMININO” NO FOGO SAGRADO.

Aline Ferreira Oliveira¹

São crescentes os fenômenos em que segmentos de classe média urbana inspiram-se em práticas rituais ameríndias na formação de coletivos em que noções de “ancestralidade”, “tradição” e “feminino” vinculam significados centrais nesses movimentos espirituais nomeamos como *neo-xamanismo* na antropologia. Este trabalho traz uma reflexão sobre a construção de concepções a cerca do “feminino” em contexto das práticas rituais de um movimento espiritual internacional conhecido como Fogo Sagrado – questão essa que brevemente tratei na minha pesquisa iniciada em 2006 durante a graduação em Ciências Sociais pela UFSC².

Esse trabalho poderia ser pensado em dois momentos: primeiramente, uma exploração de concepções compartilhadas no Fogo Sagrado, dando destaque a centralidade de noções de masculino e feminino, expressos nos rituais e como se desdobram em formas de interação. Num segundo momento, a partir de narrativas podemos perceber como elementos do “desenho” - a forma como é estruturado o Fogo Sagrado, seus rituais, concepções, etc. - são assimilados pelo sujeito e dão sentido à experiência.

No caso aqui tratado, faço referência a um movimento espiritual conhecido como Fogo Sagrado ou Caminho – sob nome oficial de Fogo Sagrado de Itzachilatlan. Assim como tantos outros movimentos desse tipo de fenômeno, seus participantes reivindicam uma ancestralidade de suas práticas, em referência ao Caminho Vermelho³ – uma espécie de essencialização das práticas indígenas americanas - como um dos elementos legitimadores da “tradição” que seria estabelecer um elo com tradições indígenas.

Considerando o tema desse evento – Diásporas, diversidades e deslocamentos - vale a pena mencionar que esse movimento surge do encontro de Tekpankalli - um mexicano em “busca de suas raízes ancestrais” - e indígenas norte-americanos Lakota que visionavam que suas práticas e

¹ Graduada como Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Santa Catarina, é atualmente mestranda na mesma instituição.

² FERREIRA OLIVEIRA, Aline. 2009. No *Caminho, em Busca da visão: narrativas e performances rituais no Fogo Sagrado*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, CFH/UFSC.

³ Fazer referência ao Caminho Vermelho nesse contexto do Fogo Sagrado significa acionar uma série de símbolos, dentre eles, sua associação como sendo o Caminho da Vida (em que o sangue e a matéria são elementos centrais para tal designação) – concepção essa que permite a inclusão de uma variedade de práticas, valores, humanos e não-humanos – e que encontra como seu complemento e/ou extensão, o Caminho Azul, como no caso quando alguém deixa a vida, fazendo a *passagem* ao Caminho dos Espíritos.



conhecimentos deveriam transpor as fronteiras das comunidades indígenas. Após viver anos em uma reserva em South Dakota, tendo sido iniciado e participado de diversos rituais, no início da década de 80, Tekpankalli funda, a partir de diversos referentes simbólicos indígenas norte-americanos e meso-americanos, a Igreja Nativa do Fogo Sagrado de Itzachilatlan, que posteriormente se expande por diversos países da América e Europa em uma série de eventos rituais⁴.

No Brasil, no final da década de 90, o Fogo Sagrado chega através de Ehekateotl⁵ e sua atual esposa, Coyolxausqui - um brasileiro e uma mexicana que Tekpankalli conhece através de suas relações com outro movimento neo-xamânico no Chile. Atualmente, participam nos rituais do Fogo Sagrado do Brasil, membros da religião ayahuasqueira do Santo Daime de Florianópolis, e os Guarani de uma das aldeias de Biguaçu (SC), como parte de uma aliança estabelecida entre os grupos, que dentre outros motivos, seria afirmada em torno do uso da ayahuasca (bebida de origem amazônica), resultando em uma constante apropriação de símbolos, categorias, práticas, etc. (podendo ser destacado o “estar na lua” – o estar menstruada – que passa a ser uma expressão acionada por membros desses coletivos). Em eventos rituais anuais realizados em janeiro na sede central do Fogo Sagrado chamada de Segualquia, localizada nas proximidades de Urubici, nota-se a presença de várias famílias participando da Dança do Sol - uma dança em jejum por quatro dias - e a Busca da Visão - uma experiência de jejum em isolamento na mata por vários dias, que se dá em quatro etapas, uma a cada ano, e tem como um de seus desdobramentos, a produção de sujeitos aptos a conduzir rituais de temazcais (uma espécie de sauna) e de chanupa (um cachimbo com o qual se reza com tabaco).

Durante o restante do ano, especialmente em cidades do sul do país, realizam-se diversos rituais do Fogo Sagrado, bem como algumas pessoas reúnem-se em encontros mais informais (tais como aniversários). Vale destacar o “círculo de mulheres” (realizados semestralmente ou anualmente), em que mulheres convivem um final de semana em temazcais, chanupas, etc. em que a temática central é o feminino. Esses encontros são realizados em um espaço terapêutico na Lagoa da Conceição e são conduzidos por Coyolxausqui e Urkupime, ambas reconhecidas como *mulheres*

⁴ Em especial nas Caminhadas de Paz e Dignidade podemos destacar um evento em 1992, quando Tekpankalli é reconhecido por diversos líderes indígenas do Equador, Peru, Colômbia, etc. como a pessoa que se esperava em uma profecia, a qual se deveria ser dado ayahuasca, que passa a ser usada em rituais do Fogo Sagrado, em consonância com o uso do peiote (*avozinho*) como *sacramento* central desse movimento e a proposta de uso de outras *medicinas* (enteógenos) no mesmo altar.

⁵ Utilizarei aqui os *nomes recebidos na tradição* do Fogo Sagrado de Itzachilatlan.



*medicina*⁶ do Fogo Sagrado – aspecto esse que indica um contraste com as religiões ayahuasqueiras brasileiras (como o Santo Daime e a União do Vegetal) em que há uma hegemonia masculina em posição de líderes espirituais que conduzem rituais com esta bebida (LABATE, 2004). Urkupime é a idealizadora e proprietária desse espaço, em que, além de rituais do Fogo Sagrado, são realizadas outras atividades, como yoga, heiki, massagens, consultas terapêuticas, homeopatia, etc. – caracterizando, portanto, um típico espaço de práticas *new age* – em que podemos destacar as cerimônias de medicina realizadas por Urkupime e tem como enfoque a “Mãe Terra” (sendo, às vezes, realizadas próximas ao Dia das Mães).

No desenho

“Desenho” é a categoria êmica que engloba diversas questões associadas ao que se referem como a “tradição do Caminho Vermelho”, e designa o conjunto de rituais, a forma como são conduzidos (seus elementos estéticos e semânticos), a forma como se estrutura o movimento (através de iniciações, designações de papéis de liderança espiritual, etc.), e, por extensão, as concepções e valores envolvidos.

Nesse complexo ritual, permeiam noções que envolvem a complementaridade do feminino e do masculino; concepções essas que geralmente são operadas por outros símbolos - semente, fogo, água, etc. – utilizados metaforicamente durante os rituais quando são feitos rezos verbalizados. Em todos os rituais essa simbologia “feminino/masculino” está em questão como base explicativa: investimento semântico esse que aparece mais em situações de caráter didático, como workshops, entrevistas, panfletos, etc. – ou seja, raramente essas explicações aparecem como temática nos rituais.

Circulam concepções da ordem do ciclo da vida (como a comparação da chuva com o sêmen que fertiliza a Mãe Terra), da origem da vida (na união dos quatro elementos, e na referência ao temazcal como “útero da mãe terra”, em uma vinculação do espaço físico – a cabana simbolizando um útero, e as pedras incandescentes, o esperma – à similaridade sensorial do ambiente: escuro, úmido, quente), bem como uma espécie de parentesco inter-seres (na referência à Mãe Terra, ao Pai Sol, irmão vento, irmã água, etc). Ou seja, uma cosmologia permeada dessa complementaridade, sendo o fogo (avô Fogo) um elemento masculino - ao qual são atribuídos diversos significados,

⁶ Sinteticamente, alguém se torna “mulher medicina” reconhecida no Fogo Sagrado após *receber as bênçãos* (autorização) como condutora de rituais com medicina (peiete, ayahuasca, etc.).



centrais na formação de concepções como “alinhamento” ou “conexão” com o Grande Espírito - expresso esteticamente nas estruturas rituais e sua forma de ativação.

Um exemplo seria a simbologia relacionada à chanupa, que quando “conectada” (encaixada as duas partes), remete à união entre o feminino (a parte de pedra, onde se coloca o tabaco) e o masculino (o cabo de madeira que é inserido na pedra). Falar sobre as noções de feminino e masculino que são centrais no Fogo Sagrado, é mencionar em que nos rituais, tanto há papéis específicos que fazem diferenciações de gênero – homem-porta, homem-fogo, homem-tambor, mulher-cedro, etc. – como também é comum que relações de gênero seja tematizado nos rezos, o que se pode ver mais claramente na finalização⁷ da cerimônia de medicina quando serão servidos os alimentos – nesse sentido pode-se destacar temas relacionados a família, e a naturalização que fazem de algumas questões associadas à feminilidade (a casa, o arrumar-se, os filhos, a nutrição, etc.) bem como o valor que dão a condição da mulher gerar vida (também associada à Mãe Terra, que dá a vida e alimentos). Nota-se a recorrência de assuntos referentes à diferenciação de gênero, bem como de relações de jocosidade que tematizam a vida conjugal, o sexo e a sexualidade (sejam em eventos rituais ou de caráter informal e/ou cotidiano).

Para mencionar o destaque que tem o *honrar a mulher* e o *feminino* nesses rituais, vale destacar a Dança do sol, um ritual em que predomina a participação de homens⁸ – em torno de ¾ dos dançantes, todos vestidos com saias. É feito jejum – de alimentos, água, relação sexual, etc. - durante quatro dias, em que se dança do nascer ao pôr do Sol, sendo que os sacrifícios ou oferendas de pele – escarificações, feitas nos homens no peitoral e costas, e mulheres, nos braços – são parte essencial do ritual. Apesar dos motivos para dançar serem de diversas ordens – para honrar as gerações, fazer rezos relacionados à família, saúde, etc. - uma das explicações centrais da Dança do Sol, é que os homens estão honrando o Sol e, através da oferenda de pele (ou sacrifício), honrando a dor do parto e o ciclo menstrual das mulheres, oferecendo seu sangue à Terra como uma forma de reconhecer e honrar a mulher, que fazia sacrifício mensalmente – sendo a condição para se casar no Fogo Sagrado de Itzachilatlan que o homem já tenha dançado alguma vez.

7 Em contextos de busca da visão, nesse momento da cerimônia de medicina chamado de “tabaco dos alimentos”, claramente nota-se uma ênfase na dinâmica (nos rezos e cantos) entre Ehekateotl e Coyolxauqui (que dá-se durante todo o ritual nos papéis de homem-medicina e mulher-cedro, respectivamente), podendo esse momento de “rezo dos alimentos” ser feito por outras mulheres - como a mãe de Ehekateotl, alguma mulher que tenha experiência no Caminho, a madrinha (esposa do padrinho, o dirigente do Santo Daimé).

8 Circulam comentários de que a Dança seria “originalmente” feita somente por homens (indígenas norte-americanos) – e a recente participação das mulheres em contexto urbano, é por vezes mencionada em tom jocoso, relacionando ao feminismo, que as mulheres estariam fazendo o que não necessitam (com respeito aos sacrifícios, por exemplo).



A lua

A menstruação – chamada de *lua* – ocupa um papel importante nos rituais e na cosmologia compartilhada no Fogo Sagrado, sendo considerada um período de poder, recolhimento e limpeza.

Em torno de porquê a mulher *na lua* não deve participar do temazcal, ou porque sugere-se fazer um *cordão de rezos*⁹ e amarrá-lo na região do ventre durante uma cerimônia de medicina, circulam várias explicações, algumas vezes conflitantes entre si. A mais enfatizada delas, inclusive pelos líderes espirituais, é que essa é uma maneira de fazer a mulher reconhecer e sentir o que acontece com ela nesse dias, e reservando-se de algumas atividades é uma maneira de *alinhar-se* com o poder do feminino e reconhecer que durante esse período, a mulher já está em cerimônia. Assim, deixar de ir a uma cerimônia é saber respeitar e honrar o ciclo.

Em torno da noção de purificação, o que nos leva a pensar imediatamente é que existe, portanto, uma noção de impureza, relacionada a essa período de ciclo menstrual. Entretanto, é enfatizado que purificação está relacionada não ao *impuro*, senão a *renovação*, uma vez que o sangue da mulher indica que o óvulo não foi fecundado, e assim inicia-se um novo ciclo. Segundo Coyolxauski, esse ciclo:

“(…) não significa que seja só fisicamente uma semente, um bebe, uma gravidez, mas um projeto, um desejo, uma nova idéia (...) Não é que não pode entrar [no temazcal]. Mas a mulher, ao ficar do lado de fora, ela de alguma forma reconhece que ela não está separada, que este temazcal faz parte também desse movimento que ela está (...) Podendo observar que existe esse balance, entre esse momento de renovar e do momento de receber... O momento de dar e de receber” (Entrevista, 2006).

Geralmente esse “respeitar e honrar o ciclo” é enfatizado como uma cura e um momento de “renovação de energia” para a maioria das mulheres que passam se dedicando a filhos, trabalho, cuidar da casa, etc. Portanto, algo que poderíamos relacionar a uma interdição ritual (ou tabu), é interpretado como benéfico em diversos sentidos, e contraposto com a maneira como as mulheres na cultura ocidental contemporânea tratam seu ciclo – segundo esse discurso: como um incômodo, atrapalhando nas tarefas do dia a dia, ou como no uso de anti-concepcionais, em alguns casos interrompendo totalmente o fluxo menstrual.

Para as restrições rituais¹⁰ há outras explicações que enfatizam mais a questão “energética”: no fluxo menstrual, o sangue desce, portanto a energia vai para a terra, enquanto no temazcal, por

⁹ Trata-se de um cordão em que são enlaçadas bolsinhas de pano que são preenchidas com tabaco rezado.

¹⁰ Tudo isso faz com que às vezes sintam-se uma espécie de controle, alguma mulher pode ficar atenta se a outra está na lua, porque pode ocorrer de estar no final da menstruação e querer participar do temazcal, por exemplo. Nesse caso é dito algo como: “toda gotinha faz diferença...nós nascemos de uma gotinha” – já escutei essa expressão inúmeras vezes, feita pelas líderes espirituais, como Coyolxalski e Urkupime. Mas em geral, isso fica como critério de cada mulher, cabendo a ela, *honrar o seu ciclo* ou não. Somente é avisado antes de um ritual, como a chanupa, por exemplo, para aquelas desavisadas – caso haja alguma que esteja menstruada, é feito um tabaco com palha, para que ela reze,



exemplo, a energia se eleva, provocando que duas forças contrárias¹¹ – para baixo e para cima – levando a uma desarmonia, especialmente a região do ventre (daí também o uso dos rezos na cintura)¹². Também o temazcal é relacionado com o útero, e quando o ritual está em andamento, simboliza o ventre com vida dentro (e com a saída, o nascimento) – e a mulher durante a menstruação estaria no momento em que o óvulo não foi fecundado, portanto simbolizando um processo contrário¹³.

Entre elas

Podemos pensar como as interdições rituais em relação a menstruação¹⁴, criam contextos exclusivos de mulheres.

No caso da busca da visão, poderia destacar que enquanto ocorrem as atividades – levar e trazer buscadores, temazcais, etc. – podem acontecer reuniões entre as mulheres que estão na “na lua”, como em uma chanupa¹⁵, em que os temas trazidos nos rezos eram diretamente relacionados à menstruação, sexualidade, vida conjugal, filhos, etc. envolvendo comentários feitos diretamente a algumas das participantes (como por exemplo, admirações e elogios quanto a uma das mulheres sobre a maneira como cuida – sem marido - de seus três filhos). Um dos temas conversados em um desses encontros foi a abstinência de relação sexual durante a menstruação – mencionada como sendo uma prática indígena, através de expressões como “sabedoria dos antigos” ou dos “ancestrais” – e as formas (e anedotas) dessa prática no dia-a-dia.

expressando-se com ele. Quando acontece algo do tipo, a mulher na lua tocar a chanupa, há reações diversas, como a alguém lhe pode parecer dramático e perigoso, ou alguém não dar tanta atenção, sendo apenas colocado o cedro no fogo, para desfazer a quebra ritual, abençoando. Isso nos coloca a questão de como opera uma noção de contágio, a mulher que está menstruada não pode visitar os buscadores, não pode tocar a chanupa, etc.

¹¹ Já ouvi algumas vezes essa explicação sendo recusada, sendo mencionado que o motivo é simplesmente para que honre o ciclo – e que essa dualidade terra e céu não corresponderia.

¹² Como disse uma vez uma participante, que já não estava mais no ciclo, mas havia a possibilidade de “descer” sangue: “só para garantir, não perder a conexão, estou segura agora..”- enquanto preparava o cordão com rezos para envolver na cintura.

¹³ Uma explicação que vai nesse sentido é dada quando se destaca que a mulher “na lua” não deve entrar no Opy, e não deve ir fazer visita aos buscadores: o buscador, uma “semente” durante o período de busca, não deve ter contato com a mulher nesse momento, afinal, uma mulher grávida se sangrar, é sinal de morte do bebê.

¹⁴ Isso implica que sempre o grupo fique sabendo quem “está na lua”, o que leva que esse assunto seja bastante recorrente (perguntar, por exemplo, se você está “na lua”, ou menstruada, não é algo muito usual por ai, por exemplo, quando um homem não tem intimidade com você – e essas questões no Fogo Sagrado parecem operar diferentemente, com certa “naturalidade”). Talvez outro reflexo do “desenho” sob concepções morais, é considerar-se que também o sangue deixa de ter aquele caráter de sujeira ou incomodo (que podemos perceber em discursos urbanos contemporâneos), e passa a ter uma dimensão sagrada.

¹⁵ Embora chamado de “chanupa” esse ritual foi conduzido por Coyoxauski com um cachimbo diferente da chanupa, esse era circular e somente de pedra, elementos esses que foram mencionados como sendo próprios desse cachimbo “da lua”, de uso feminino.



Para as buscadoras que estão no período menstrual, há um espaço chamado Opy da Lua (em que seu centro está o fogo aceso), e do lado de fora, um espaço cerimonial para temazcais exclusivo para mulheres. Também referenciado como *Opy-djatchy* ou Opy das mulheres, trata-se de uma síntese própria do Fogo Sagrado no Brasil, entre a Tenda da Lua – uma referência a encontros entre mulheres indígenas norte-americanas - e o Opy (que significa “casa de reza” em Guarani), que é o espaço cerimonial do Fogo Sagrado em Florianópolis e Urubici, destinado especialmente a “cerimônias de medicina” – e leva esse nome inspirado na *Opy* Guarani, sendo construído por estes de forma similar (especialmente o telhado) à Opy da aldeia de Biguaçu¹⁶.

Podemos destacar também reuniões em que se organizam quem vai levar água e alimentos para o fogo no Opy da lua¹⁷. Nessas ocasiões, alguns assuntos e comentários parecem ganhar mais espaço nessas ocasiões em que estão apenas mulheres – em que mais do que serem explicitados, ficam nas entrelinhas em meios a risadas e olhares de cumplicidade. Em certa ocasião como esta, diante da insistência de algumas mulheres, uma delas contou uma espécie de simpatia que conhecia, e que se tratava de lavar os panos usados como absorventes, e costurando vários deles – formando, segundo ela, lindos desenhos - para fazer um travesseiro para o marido (comentários esses envoltos de jocosidade e encenação).

Nessas ocasiões em 2008, vale mencionar uma vez que foram plantar os buscadores, e eu fiquei junto com as mulheres que estavam “na lua”. Estávamos no Opy da lua, preparando as lenhas e averiguando se estava tudo certo com o local que reservam para as mulheres urinarem, se limparem e usar o pano de algodão como absorvente. Dentre outras, uma das mulheres me conta que quando sente enjôo, tontura, cólicas, etc., abaixa de cócoras com as pernas abertas – nesse momento me demonstra, fechando os olhos, abaixa a cabeça, põe a mão na terra, colocando-se em concentração. Me conta que faz isso, pedindo para sentir-se bem. Contei que eu estava com cólica e menstruação não descia – estava atrasada há alguns dias. Ela diz para eu deitar de bruço, me *conectar* com a terra, pedindo uma regulação e um bom fluxo.

Eu já havia escutado que em Segualquia os ciclos se desregulam: contam diversas mulheres que às vezes atrasam, vem antes, ou sangram muito. Ela comentou sobre isso, dizendo que a partir

¹⁶ Nesse caso, esta Opy foi construída já no contexto de relação com o Fogo Sagrado (especialmente com Ehecateotl, que morou na aldeia), incorporando elementos como o “altar da meia-lua” (característicos de rituais com medicina do Fogo Sagrado).

¹⁷ Em 2009 não houve ocasiões como esta, suponho que especialmente porque uma questão que mobilizava as mulheres deixou de ser feita, que era o alimentar diário do fogo do Opy da lua. Também o fato de não haver o círculo de rezos em volta dos espaços cerimoniais, também deixou de evidenciar as mulheres que não podiam entrar, assim como no Opy, que era permitido que as mulheres “na lua” entrassem, desta vez não somente nas cerimônias de medicina. Na Dança do Sol de 2009 e 2010, foram várias as vezes que algumas mulheres tocaram junto o tambor, papel que na *tradição* se atribui aos homens.



do momento que esta na “estradinha” já acontece isso, me dizendo que ela tem uma conexão muito forte com a Terra, sendo Patchamama (Mãe Terra) seu *nome recebido da tradição*: “venho a sete anos em Segualquia,.. e quando *piso o pé aqui*, a lua desce”. Segundo ela, a energia é muito forte e meche com os ciclos: conta que havia menstruado uma semana antes de chegar em Segualquia, e estando lá, a menstruação veio de novo. Uma outra mulher complementa, dizendo que também era segunda vez que menstruava no mês. Percebe-se assim, como se faz uma relação entre o local - Segualquia - com o fluxo menstrual, em que as mulheres são consideradas como sendo sensíveis a determinadas *energias*.

A relação que se estabelece entre o “desenho” e a menstruação, mobiliza novas práticas - como a acima mencionada, de deitar-se no chão ou abaixar de cócoras, e pedir para a Terra um bom ciclo - como formas de cuidado - como, por exemplo, me contava uma mulher que após “entrar para o Caminho”, passou a ter outra relação com seu sangue menstrual, dando prioridade a usar absorventes de algodão que possam ser lavados e a água jogada nas plantas).

Busca no Opy da lua

Nos relatos das buscadoras sobre a experiência no *Opy* da lua, o Fogo aparece como espírito central – assim como também daqueles buscadores que estão na mata, e inspiram-se no Fogo para receber calor. Durante uma das visitas¹⁸ ao *Opy* da lua, uma buscadora, que chamarei aqui de Bela, relata as visões que teve com o fogo. Posteriormente, no temazcal, novamente constrói uma narrativa em referência a esta experiência. Dias depois, no encerramento da Busca da Visão de 2009, proponho a Bela que ela me conte sobre como foi experiência de busca da visão.

Bela tem em torno de 33 anos, sendo casada e mãe de uma menina, mora em Curitiba onde dá aula de inglês e trabalha como cantora. Me conta que das diversas religiões ou práticas às quais já esteve vinculada – umbanda, reiki, renovação carismática, etc. – o Fogo Sagrado a cativou por diversos motivos (exemplifica mencionando uma humildade de Ehecateolt e Coyolxauqui). Bela dá destaque a uma noite em uma cerimônia de medicina, em que sua filha acordou e começou a andar pelo círculo. Impressionou-a que ninguém interrompesse o que a criança estava fazendo, inclusive quando ela se aproximou do fogo, tomando um susto e afastando-se. Para Bela, essa atitude, que considera “natural”, contrasta com experiências que teve em outras linhas espirituais, em que a inquietação das crianças é motivo para conflitos.

¹⁸ Após quatro dias em isolamento os buscadores recebem visitas do “apoio” formado por participantes do evento (como familiares, amigos, etc.) que levam frutas, chá, milho, carne, água, etc. dependendo da etapa.



Sentamos ao lado de fora do refeitório, aguardando o momento de sua partida para Curitiba...

Aline: Como foi tua experiência na tenda da lua?

Bela: Na verdade, a tenda da lua, pra mim, essa relação com o fogo mexeu diretamente com o meu feminino. Entende? não foi exatamente o contato com as outras mulheres, talvez isso tenha influenciado, estar nesse ambiente somente feminino ...mas no meu, para mim o que pegou foi essa coisa com o fogo. Porque eu também vinha dum processo assim, muito... de ter acabado de entender o que a rigidez faz, e o que que a fluidez faz,... Tive *muita* sede na montanha nos meus 4 dias, nossa.. Nossa!! No meu terceiro dia eu vomitei bílis de tanta sede que eu tive. (...) E eu não sabia do que que era essa sede, e a resposta veio *exatamente* um ano depois.

E na lida com o fogo eu entendi que a sede, é uma rigidez, quando a gente enrijece, se enrijece dentro da gente, o líquido não flui dentro da gente, e daí a gente tem sede, entende? Essa coisa com o fogo, daí me fez entender essas coisas do feminino, então para mim, por exemplo, o fogo sempre teve associado à agressividade, que sempre foi uma característica minha. E aí nessa lida, eu percebi que *o fogo aquece o liquido*, faz o líquido fluir, faz as coisas do corpo feminino girarem e aquece o corpo feminino, no sentido de dar a libido. Entende? Essa coisa de fogo dentro da gente? É a libido dentro da gente, o fogo. Ficava pensando muito no Marcel... Pensando mesmo, no sexo. Na relação sexual. E que a relação sexual ascende esse fogo.

E que isso é lindo! Mas eu nunca tinha visto isso dessa forma. Para mim realmente foi uma *grande* descoberta, sacar essa relação do fogo com o feminino, como fogo pode ser acolhedor, né? E daí me vinha essas imagens assim, que de muito fogo, eu via meu fogo incendiado...

O incêndio não aquece a água. O fogo fica na superfície da água. Não consegue na verdade fluir. Agora, se você *aquece* a água com fogo, a água flui, e o fogo é brando. Ele cumpre a sua função, mas ele é brando. Então foi esse o entendimento que eu tive. E isso pra mim foi muito revelador.

Daí vem essa relação com a maternidade... é... eu tive vontade de ser mãe de novo, coisa que eu não achei que eu fosse ter (...) porque a minha gravidez... começam a...daí começam a cair as fichas, né?

Eu tive uma gravidez que foi muita rígida,.. eu tava muito inchada, engordei vinte, dez quilos era de retenção de líquido..depois do que minha filha nasceu eu perdi 10 quilos.. CÊ acha que a gente perde 10 quilos assim? É líquido!

Sabe como? Então é isso, daí eu comecei a entender essa coisa da fluidez, do controle, porque tá tudo ligado né? Para manter a fluidez, você precisa abrir mão do controle, você não consegue ser fluido, querendo controlar... as coisas. E o controle tem muito de rigidez, no meu entender. Né? Eu vejo assim: quando a gente quer controlar muito é uma coisa meio intrínseca da gente essa rigidez.

E daí quando a gente *solta*, a coisa flui... Daí também experienciei isso na montanha, vivendo o meu pior medo: que era, eu ficava tendo imagens que a minha filha tido sido assassinada, que tinha morrido,.. que tinha...sei lá, a pior das tragédias que você pode imaginar! (...) e eu *deixei vir o medo!* E deixei tomar conta de mim, e daí senti TODOS os meus músculos enrijeceram, especialmente no tórax assim...(..). Até que eu fui me dando conta... Ok!!(...) O que de concreto me leva a crer que alguma coisa ruim vai acontecer com a minha filha.?? Nada!! (...)

Então o que que eu vou fazer? Soltar! Mas eu tive que passar por toda essa coisa (...) a fluidez foi voltando..o músculo relaxou, a respiração voltou no ritmo normal, consegui *alongar* o tempo da respiração.

Daí fiquei muito tempo na montanha assim, respirando! Só respirando! (...) Já sei que eu fiquei quatro dias sem comer, sem beber,(...) então não vou morrer , só vou morrer se me faltar ar..... Então .. essa coisa do controle, não adianta querer segurar, não adianta, é perder tempo...

[silêncio]

Aline: e para ti, o que é o feminino?

[Bela suspira, passamos um tempo em silêncio]

Bela: Eu entendo o feminino como o elemento acolhedor. O elemento que acolhe, que nutre, que é ... cria essa energia mais condescendente, vamos dizer assim...né? mas.. Eu não diria mais amorosa, porque acho que tanto o feminino quanto o masculino são amorosas... mas acho que é uma energia mais condescendente...sabe aquela coisa: “ok venha, tá tudo certo”,...(..) sempre essa coisa de “vamos dar um jeito”, né? Vamo comer uma comida, vamo se nutri, vem aqui dormir... prover essas pequenas coisas assim que fazem *toda* a diferenças no final do dia.

Vemos como a buscadora relaciona valores que são reflexionados e compartilhados entre o grupo - a *fluidez* aparecendo como mais favorável do que a *rigidez* - e como ela vê esses valores em



si mesma, nesse caso, *cuidando do fogo*, ou nas palavras dela “nessa relação com o fogo”. Percebemos como a buscadora relata a experiência corporal intensa e sua relação com o fogo como algo revelador sobre sua sexualidade e como sua experiência de maternidade é compreendida sob novas perspectivas, incitando sua vontade de engravidar novamente. As referências ao feminino e masculino, mais do que indicarem significados estabelecidos ou opostos, falam de concepções que orientam e são transformados na experiência: o feminino, como elemento acolhedor, está também no fogo. Nesse caso, essa narrativa aponta para uma idéia inicial – a agressividade do fogo, essa associada à forma como ela se identifica – que é revista – ela percebendo que o fogo tem algo de suave e de brando, assim como ela também. O fogo e essas noções relacionadas - masculino/feminino, rigidez/suavidade, controle/fluidez - servem de referência e são modeladas como novas formas do sujeito apreender a si mesmo e ao mundo.

Bibliografia

FERREIRA OLIVEIRA, Aline. 2009. *No caminho, em busca da visão: narrativas e performances rituais no Fogo Sagrado*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, CFH/UFSC.

LABATE, Beatriz Caiuby. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp. 2004.